

pela sua posição *antes do predicado*, e o accusativo ou o objecto directo pela sua posição *depois*, isto é, o agente e o paciente da acção verbal occupam, de rigor, as posições extremas do predicado: *O exercito venceu o inimigo e o inimigo venceu o exercito*. Como se vê, o sentido é dado pela posição dos termos; qualquer outra collocação traria ambiguidade.

Todavia, casos ha em que o *sentido obvio* mostra qual o agente e o paciente, qual o nominativo e qual o accusativo:

Mas já o planeta, que no céu primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora, meio rosto, agora inteiro
Mostrára, enquanto o mar cortava a armada;
C. Lus. 5. 24

Além deste caso, tem a lingua a faculdade, recebida da b. latinidade, de assignalar o accusativo ou paciente com a preposição *a*, nas condições que mais adiante estudaremos.

As fórmulas obliquas pronominaes — *o, a, os, as* são vestígios do accusativo organico latino. As formas — *me, te, se, nos, vos*, ora funcionam como *accusativo*, ora como *dativo*, por ex.:

Aprecio-te e dou-te os parabens, dar-se ao estudo, dar-se ares de importancia, arroguei-me o direito, proporcionou-nos horas agradaveis.

O lat. admite com certos verbos, como *celo* = *oculto*, *doceo* = *ensino*, *peto* = *peço*, etc., dois *accusativos*, um da pessoa e outro da *cousa*; o port. repelle esta syntaxe, e leva ordinariamente o *accus.* da pessoa para dativo:

Adolescentem litteras docere = ensinar letras ao moço — *Id te oro* = peço-te (dat.) isto — *Quotidie Coesar AEduos frumentum flagitabat* = todos os dias Cesar pedia trigo aos eduos (Chassang).

No port. arch. apparecem exemplos desse duplo accusativo.

393. VOCATIVO (de *vocare* = chamar), é o caso da interpegação, chamamento e exclamação: *Vincere scis, Hannibal*; *victoria uti nescis* = sabes vencer, Annibal; não sabes da *victoria* utilizar-te. — *Quousque tandem abutere, Catilina, patientia nostra* = até quando abusarás, ó Catilina, de nossa paciencia.

Em portuguez o *vocativo* se denuncia pela entoação da voz, pela interjeição *ó*, e, no caso de exclamação, *ab! oh!* Na linguagem escripta as virgulas indicam na phrase o *vocativo*: *Eu, Marília, não sou nenhum vaqueiro, que viva de guardar albeio gado.*

394. ABLATIVO (de *ablatum* = tirado), é o caso dos complementos circumstanciaes, das circumstancias adverbias de tempo, lugar, instrumento, separação, origem, companhia, modo, cousa, medida, preço limitação, etc.

Tempo : *in pace* = na paz, *in bello* = na guerra, *in tempore* = em tempo opportuno, *bis in die* = duas vezes no dia, *primo mense* = no primeiro mez, *nocte* = de noite.

Lugar : *terra marique* = em terra e no mar, *humi* = no chão, *vesperi* = á tarde.

Instrumento : *Dolor lenitur tempore* = a dor abrandá-se com o tempo, *pedibus ire* = ir com os proprios pés — *Themistocles divitiis ornavit Athenienses* = Themistocles encheu de riqueza os athenienses.

Separação : *Loco movere* = afastar-se do lugar — *desistere conatu* = desistir da empresa — *liberare aliquem metu* = livrar alguém do medo.

Origem : *nobili genere natus* = nascido de familia nobre.

Medida : *Magnos homines virtute metimur, non fortuna* = medimos os grandes homens pela virtude, e não pela fortuna.

Limitação : *Nemo tibi par est eloquentia* = ninguem te é igual em eloquencia — *Avus materno genere* = avô pelo lado materno — *Homo natione Gallus* = homem gaulez de nação — *Sunt quidam homines non re, sed nomine* = alguns são homens não nos feitos, mas no nome.

Modo : *Cum virtute vivere* = viver (com virtude) virtuosamente — *aequo animo* = com animo tranquillo — *nudis pedibus* = com pés nus, *promino capillo* = com cabello crescido.

Colhe-se desses exemplos que o ablativo é supprido em portuguez por preposições adequadas ás diversas circumstancias. Porém, não faltam exemplos em portuguez de ser, como em latim, o *ablativo* circumstancial desacompanhado de preposição e ser accusado apenas pelo sentido do texto, p. ex.:

Partiu para Paris via Lisboa — Chegou segunda e partiu terça — Dormiu um dia inteiro — Passou a meditar horas e horas — Foi-se seu caminho — Andou duas horas.

Obs. Em alguns casos a ausencia habitual da preposição deu a esses complementos circumstanciaes a apparencia de *objectos directos*.

e a lingua chega a encará-los como taes, dando ao verbo uma acce-
pção transitiva, que lhe era extranha, como prova a conversão passiva :
dormi duas horas = duas horas foram dormidas por mim.

CAPITULO V

S U J E I T O

395. SUJEITO, em grammatica, é a pessoa ou coisa de que se declara aquillo que é expresso pelo predicado. E como o predicado encerra a acção verbal, o sujeito é concebido como o *agente* ou *paciente* dessa predicação ou acção verbal. Quando o verbo é activo, isto é, quando a acção expressa pelo verbo é franca e manifesta, o sujeito é *sujeito-agente*, se o verbo está na voz activa, como: — *O menino escreveu o exercicio*; e *sujeito-paciente*, se na voz passiva, como: — *O exercicio foi escripto pelo menino*. De sorte que na voz activa o *sujeito* identifica-se com o *agente*, e na voz passiva d'elle se distingue, sendo o *agente* expresso por um complemento regido da prep. *por* ou *de*.

*Succede frequentemente que a lingua estabelece, por meio de um pronome obliquo da mesma pessoa que o sujeito, uma relação de identidade entre o *agente* e o *paciente*, e, neste caso, o sujeito se diz *agente* e *paciente*, como: — *O menino levantou-se* — *Nós nos ferimos*.

Quando, porém, a *acção verbal* é velada ou tenue, como acontece com os verbos que explimem estado, p. ex., — *O homem nasce, vive e morre*, o verbo e o seu sujeito dizem-se *neutros* (lat. *neuter* = *nem um nem outro*), nem agente nem paciente, nem activo nem passivo.

396. OUTROS ASPECTOS DO SUJEITO. Além desses aspectos do sujeito em relação ao predicado, outros existem que convem aqui consignar.

O sujeito pôde ser ainda *expresso* ou *claro*, quando enunciado, v. gr.: *Eu escrevo uma carta* — *Cesar veio a Roma*. — E' ainda commum entre os grammaticos appellidar-se o sujeito — *determinado*, quando é ou pôde ser *expresso*, e *indeterminado*, quando não é nem pôde ser *expresso*, é um mero sujeito psychologico, que a lingua sempre subenten-

deu, e nunca enunciou, a não ser por pronome. Dá-se este phenomeno, commum de todas as linguas aryanas, com os verbos chamados por isso mesmo *impessoaes*: *Chove* e (pop. e arch.) *elle chove* — *Faz calor* — *Dizem que elle morreu* (cf. *il pleut fr., it rains ingl.*). Estudaremos o ponto mais adiante.

397. SUJEITO EM NOMINATIVO, ACCUSATIVO E DATIVO. O sujeito do modo finito vae para *nominativo*, e em port. esse sujeito-nominativo se denuncia normalmente pela sua *posição* anterior ao *predicado*. O sujeito, porém, do modo infinito vae em lat. para *accusativo*, ao invés do port. que o leva igualmente para *nominativo*, p. ex.:

Dicunt *me esse bonum* = dizem ser *eu bom*, credo *illum erravisse* = creio ter *elle errado*, Caesar jussit *castra moveri* = Cesar ordenou serem *os abarracamentos* (elles) levantados.

Entretanto, seguem a tradição latina, tendo o seu sujeito no *accusativo*, os infinitivos regidos de *fazer, deixar, ver, ouvir, mandar*, e outros; com excepção deste ultimo, os outros quatro admittem, em certos casos, o sujeito tambem em *dativo*, p. ex.:

Fazê-lo ou fazer-lhe ir, deixá-lo ou deixar-lhe fallar, vê-lo ou ver-lhe *sahir*, ouvi-la ou ouvir-lhe cantar, mandá-lo prender — Fez-lhis jurar sobre los santos evangelhos (Chrét. Arch. 42) — Foi mui ledo contra elle, mas viu-lhe fazer mui má contença (cara, cf. ingl. *countenance*) (Ib. 58) — E emfim mandou-os queimar (Ib. 156).

398. SUJEITO LATENTE. O pronome sujeito vinha em lat., ordinariamente, latente no verbo, e só era expressado quando o pedia a *emphase* ou o *contraste*. Segue o port. nesta parte o genio da lingua-mãe: *Laudas* = *louvas* (tu) — *Ego fleo, tu ridet* = *eu choro, tu ris*. — Em *mandei-lhe que sabbisse, ensinei-lhe que fizesse*, etc., o sujeito das clausulas subordinadas, logicamente incluído no objecto indirecto do verbo regente, não se póde enunciar grammaticalmente.

399. SUJEITO REGIDO DE PREPOSIÇÃO. O sujeito, representando o nominativo latino, não é em portuguez, como não era em latim, regido de preposição; por isso evitam os bons escriptores contrahir a preposição com o sujeito do infinito.

ou com qualquer palavra que a elle pertença, ou com o artigo, que modifica o sujeito, p. ex.:

E' tempo de elle levantar-se — E' hora de os brasileiros erguerem-se — Quando os inglezes se rirem de elles terem muito dinheiro e nós pouco, torçamos a orelha e choremos (A. H.).

Comtudo desenvolveu-se no v. port. a regencia preposicional do sujeito, quando este era constituido por uma oração infinitiva, e embora tal praxe anti-latina tenha, em geral, desaparecido do portuguez moderno, todavia escriptores, como A. de Castilho e Garrett, a teem perfilhada. Exs.:

Melhor é de seear traedor
ca morrer escomungado.

Chrest. Arch. 201

Pero he-lhe necessario de saber conhescer de que guisa pode melhor filhar aquelle porco (Tex. Arch. 56). — Seendo ele de idade, convem a saber de LX anos (Chrest. Arch. 108). — E por esto lhe cumpre de se trabalhar de saber bem conhecer todas estas cousas (T. Arch. 57 — sec. xv). — Era cousa singular de veer (Chr. Arch. 108) — E foi facil de possuir (A. V. — C. 6). — Desaire real seria de a deixar sem premio (G.) — Ainda agora nos não pesa de o havermos feito (A. C.).

400. INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO E DO AGENTE. Chama-se, em grammatica, sujeito indeterminado o sujeito dos verbos impessoaes, reclamado pela analogia syntactica dos outros verbos, e normalmente inexpresso na proposição; é um sujeito psychico, que se annuncia vagamente no dominio do espirito, mas que não faz sua apparição na esphera da linguagem ou no dominio da grammatica. Com certos verbos, empregados impessoalmente na 3.^a pessoa do plural, na voz activa, e na 3.^a pessoa do singular na voz passiva, podemos perceber mais claramente a existencia desse sujeito ou agente indeterminado.

De facto, ha um duplo processo em portuguez, herdado do latim, para quando queremos indicar a *indeterminação do sujeito e do agente*. Consiste elle em levarmos o verbo á 3.^a, pess. do plur. da activa, e á 3.^a do sing. da passiva com a particula *se*, p. ex.: *Contam que fulano morreu e conta-se que fulano morreu*. Na primeira preposição está indeterminado o sujeito-agente de *contam*; na segunda apenas se

enuncia o sujeito-paciente de *conta-se*, que é a proposição — *que fulano morreu*. O *sujeito*, ou, melhor, o *agente* destas phrases é reclamado, como facilmente se vê, não só pela analogia syntactica, mas ainda pela propria actividade expressa no predicado, ou, podemos dizê-lo, pelo principio de casualidade. Este *sujeito* ou *agente*, que, embora francamente suspeitado, a lingua normalmente não enuncia, é o que se chama *sujeito* e *agente indeterminado*. E se, por esse motivo, é indeterminado, deve de ser grammaticalmente *indeterminavel*, pois qualquer determinação analytica é arbitraria e artificial. Portanto, procurar um termo que faça o papel de sujeito ou agente, como fazem Moraes, Sotero e os velhos grammaticos da escolastica, é desconhecer o phenomeno linguistico da indeterminação do sujeito ou do agente, os quaes nessas phrases verbaes se acham ausentes não por uma ellipse conveniente ao estylo, mas pela inconveniencia ou difficuldade de se achar um que possa bem caracterizar o seu objecto. Apparece, ás vezes, é factó, enunciado um sujeito-agente, como: *muitos, todos, os homens contam que fulano morreu*. Mas essa determinação não se faz espontanea, como o natural supprimento de um sujeito elliptico, e sim ordinariamente como o resultado de uma interpellação: *Quem conta? Todos contam*; ou, como é commum, reduzimos a phrase á forma pessoal no singular: — *o povo, toda a gente conta*. O genio da ling. ingl. reclama este processo pessoal: *people say, they say*.

Muitos são os verbos que admittem este processo de se deixar indeterminado o *agente-sujeito* na activa, e o *agente-complemento* na passiva, taes como — *dizer, julgar, crer, fallar, soar, etc.*

401. ORIGEM LATINA DO DUPLO PROCESSO DA INDETERMINAÇÃO DO AGENTE. O duplo processo activo e passivo em relação ao agente indeterminado, de que tracta o paragra-pho antecedente, recebemo-lo do latim, como se deprehende dos seguintes exemplos:

Dicunt eum esse sapientem = dizem ser elle sabio; *dicunt* = dizem *credunt* = crêem, *ferunt* = contam. — *Dicitum* = diz-se, *creditur* = crê-se, *ambulator* = pásseia-se, *vivitur* = vive-se, *fertur* = conta-se, *bibitur* = bebe-se, *pugnatur* = peleja-se, *pugnatum est* = pelejou-se, *pugnandum est* = deve-se pelejar, *invidetur potentibus* = inveja-se aos poderosos (ter-se

inveja aos poderosos), *sic itur ad astra* (Verg.) = assim se vae aos astros, *hic jam ter centum totos regnabitur annos gente sub Hectorea...* = por trezentos annos completos reinar-se-á aqui sob a geração hectorea (Os hectoreos aqui trezentos annos já reinarão — O. M.) — *Non potest beate vivere, nisi cum virtute vivitur* = não se pôde viver feliz, se não se vive com a virtude (Não podemos viver felizes, se não vivemos virtuosamente).

402. O lat. possui um outro typo syntactico, em phrases analogas, em que o verbo regente assume fórma pessoal na voz passiva, como se vê no seguinte passo de Vergilio: *Quam Juno fertur terris magis omnibus unam posthobita coluisse Samo* = á qual, se conta, Juno até pospoz a predilecta Samos (O. M. Eneid. I. 23). A' letra diz o lat.: *Juno é contada ter posposto...* O ingl. adopta processo identico, p. ex.: *Peter is said to learn French* (á letra) = *Pedro é dicto apprender francez*. O port. repelle tal syntaxe com os verbos *contar*, *referir*, etc.; porém admite com alguns outros verbos de construcção semelhante, em que o sujeito do verbo *regido* pôde passar a sujeito do verbo *regente*; pôde-se ver isto nos seguintes exemplos:

Via-se (era visto)... *resplandecerem as cumiadas das montanhas* (A. H., Eur. 84) = *viam-se resplandecer as cuniadas das montanhas* — *Via-se vaguear ou vaguearem uns vultos negros* = *negros uns vultos vaguear se viam* (Id.) — *Via-se brilhaem dois olhos reluzentes* = *Viam-se brilhar dois olhos reluzentes* (Id. O. Bob. 31) — *Ouvia-se sussurrarem as ribas ermas* = *as ribas ermas sussurrar se ouviam* (Id.) — *Sentiu-se então por toda a rua abrirem-se portas e janellas, e soarem vozes dos vizinhos* = *Sentiram-se então por toda a rua abrir portas e janellas, e soar vozes dos vizinhos* (Souza, V. do Arc. 2. 35) — *Os carmes do poeta parecem altear-se mais sonoros* = *Os carmes do poeta parece altearem-se mais sonoros* (L. C.) Cf. lat. *Tu mihi videris esse doctus* = *tu me parecees ser douto* (M. Barreto, Noviss. Est. 221) — *Ouviu-se, em seu vasconço, os corteãos rugirem* (Fab. 276).

403. A INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO-AGENTE COM OUTROS VERBOS. O conceito de sujeito indeterminado estende-se a todos os verbos impessoaes. Dos impessoaes essenciaes (*chover*, *anoitecer*) fallaremos no proximo paragrapho, Dos accidentaes é largo o uso que o portuguez recebeu da baixa latinidade. A cada passo apparecem na phrase com sujeito indeterminado, isto é, empregados impessoalmente os verbos — *haber*, *fazer*, *estar*, *ser*, *rir*, *soar*, *pesar*, etc.;

Ha homens, faz frio, faz quatro annos, está quente, é tarde, é cedo, é muito dia — Mal vae á casa onde a roca manda á espada — Mal vae á raposa quando anda aos grillos — Onde bem me vae, tenho mãe e pae — Se os aprestos do inimigo, como por cá soa, forem tambem maritimos... (A. V.)

Felipa, como te vae?
Que me proveja
E saiba como me vae (G. V.)

404. Houve uma corrente medieval, que dava a estes verbos um sujeito *ficticio* no pron. da 3.^a pess. em nominativo. O v. port. registra larga copia dessa tendencia, que ainda apparece no dialecto popular e esporadicamente em certos escriptores modernos. Domina ainda no francez e no inglez: *il pleut, it rains*. Exs.:

Senhor, elle parece que aprende a cirurgião (C. Obr. 3, 14) — Elle é ainda muito dia (A. P.) — Elle é certo que muitos se envergonham de fazer oração e penitencia (M. B.) — Ella é coisa admiravel, que os conselheiros de Castella se conformam tanto com os nossos (A. V., Obs. C. 1. 192).

405. THEORIA DO SUJEITO INDETERMINADO. A theoria do sujeito-agente indeterminado, que acabamos de expender, tem sido criticada por abalisados philologos, mormente em relação aos verbos essencialmente impessoaes, que exprimem o estado da atmosphaera ou phenomenos metereologicos, v. gr., *pluit = chove, tonat = troveja*. "O *pluit* latino é uma adhesão simples", diz Jac. van Ginneken em seus *Principes de Linguistique Psychologique*. Sobre o ponto escreve, entretanto, K. Brugmann, o prestigiado corypheu de uma nova escola de glottologos: "Emfim veem os impessoaes, expressões verbaes concebidas como desprovidas de sujeito. Desde o indo-europeu apresentam-se com este character verbos, mormente verbos que exprimem phenomenos naturaes (lat. *pluit, tonat*). Psychologicamente *chove*, outra cousa não é senão a exclamação *a chuva!* que contem uma observação sobre o phenomeno atmosferico. Sem duvida estes verbos apresentam-se muitas vezes tambem com um sujeito expressado, p. ex.: *o céu, um deus (Zeus, Jupiter), a nuvem*, e muitas vezes pôde um sujeito ter sido subentendido. Qual é o typo primitivo, o typo com sujeito ou o typo sem sujeito? E' o que não nos compete decidir; a presença de uma

desinencia pessoal nada prova quanto á prioridade do typo com o sujeito. Eventualmente, pois, as expressões simples chamadas impessoaes, ainda que já existentes em indo-europeus, podem ter sahido de expressões com dois membros” (*Abrég. de Grammaire Comparative*, p. 661).

Historicamente, portanto, desde os tempos primitivos das linguas pertencentes ao grupo indo-europeu, houve sempre uma tendencia para se dar um sujeito a taes verbos, a ponto de declarar Brugmann que é eventualmente possivel ter a expressão sem sujeito procedido da expressão com sujeito; donde se póde concluir que o genio das linguas aryanas, arrastado pela analogia syntactica, que offerecem outras categorias de verbos, e pela necessidade racional de se referir toda acção a um *agente*, não parou no facto observado, não se contentou com a simples adhesão ao phenomeno, mas suppoz uma causa. Espirito philosophico e indagador, buscou sempre o espirito aryano surprehender no facto o agente mysterioso.

Podemos applicar a esta classe de verbo, bem como a todos os outros verbos impessoaes, a theoria do sujeito indeterminado, o qual se apresenta como uma ellipse original, que a lingua, em seu movimento analytico, busca sempre determinar dando expressão grammatical a sujeitos hypotheticos.

Uma destas tentativas historicas, que actualmente caracterizam algumas linguas aryanas, como o francez, o inglez e o allemão, é a anteposição de um *pronome neutro* com o intuito de representar grammaticalmente esse sujeito tacito, psychico, debalde procurado: *il pleut* fr., *it rains* ingl. O velho portuguez e o portuguez popular, como já vimos, não é extranho a esta tentativa: “*Elle é ainda muito dia* (A. P.)

Caracterizam, pois todos os verbos impessoaes a indeterminação do sujeito ou do agente; qualquer determinação destes termos ou faz passar o verbo para a categoria dos pessoaes, desviando-o do seu sentido proprio, como — *o céu chove, as nuvens trovejam, chovem pedras, improperios*; ou dá em resultado uma analyse barbara e artificial, como — *ha iguarias* (na mesa) — *a mesa ha iguarias; ha homens bons* — *a sociedade ha homens bons*. E’ esta a analyse de Moraes e dos velhos grammaticos, que mandam subentender

um substantivo adequado ao sentido, embora dê em resultado uma phrase barbara, artificial, inusitada. Sotero dos Reis requintou neste artificio analytico, propondo para sujeitos do verbo *haver*, empregado impessoalmente, os substantivos *numero*, *especie*, *quantidade*, seguidos da preposição *de*, deste modo: *numero*, *especie*, *quantidade de homens bons ha!*

Tal modo de conceber a missão da analyse grammatical, leva o alumno a uma gymnastica esteril e absurda.

406. Desenvolveu-se na b. latinidade um processo logicamente equivalente á indeterminação do sujeito. Consiste elle em dar por sujeito da acção verbal de certos verbos o substantivo *homo* = *homem*, com o valor de pronome indefinido, p. ex.:

Non in solo pane vivit homo = não só de pão vive o homem (Vulg. S. Math. 4. 4.) — *Ut inter tabulas aspicere homo non possit* (Gr. Tur. H. F. 4—12, ap. Bourciez).

Tal processo teve largo desenvolvimento no v. port. e no port. class. com o artigo e sem elle:

Não póde homem acabar hua oração em paz (S. de Mir., Obr. 2.225) — ...ou por segredo que homem não conhece (Lus. 3. 69) — Anda o homem a trote, por ganhar capote (Prov.) — Deita-se homem no chão, por ganhar gabão (Prov.).

Obs. Como se vê, *homem* usado pronominalmente ora vem precedido do artigo, ora não. Deste uso de *homo* na baixa latinidade veio o pronome indefinido francez — *on* = *homo*. Hoje nesta accepção emprega-se — a gente: *A' gente que lhe importa que a roubassem ou não... E' que a gente estava no quintal* (A. C., Doent., 5) — Já é velho na lingua o emprego de *uma pessoa* em accepção pronominal: *Não havia onde hũa pessoa se pudesse assentar* (F. M. P., Per. 1. 341).

CAPITULO VI

PREDICADO

407. O PREDICADO é o termo que expressa o facto ou a coisa que se declara do sujeito, com o qual se coordena pela concordancia grammatical. E' o segundo membro essencial no plano da phrase latina e novo-latina, e é uniformemente

expresso por um verbo ou por um verbo e mais um elemento integrante, como abaixo veremos:

408. A *predicação*, quer expressada syntheticamente por um verbo — *a estrella brilha*, quer por um verbo e mais um elemento — *a estrella é brilhante*, pôde ser *completa* ou *incompleta*, conforme pede ou não um complemento para seu cabal sentido. A predicação expressa por verbos intransitivos é *completa*: — *a estrella BRILHA, a flor MURCHOU*; e *incompleta*, quando expressa por verbos *transitivos, relativos* e de *ligação*: *Elle disse...*, *tu irás...*, *vós sois...* *elles queixaram...* O mesmo acontece com o predicado na phrase nominal, quando o ultimo elemento tem significação *absoluta* ou *relativa*: *elle é bom, e elle é inclinado...*

409. O *predicado* apresenta dois typos geraes: o *typo verbal* e o *typo nominal*, que, como vimos, caracterizam a *phrase verbal* e a *phrase nominal* na enunciação de um pensamento completo.

410. O *typo verbal* do predicado é constituído por um verbo, e o *typo nominal* por um verbo e mais uma palavra, que se refere ao sujeito através do verbo, expressando alguma qualidade ou estado d'elle. No primeiro caso o predicado é *synthetico, concreto* ou *simplex*; *o sol resplandece*; no segundo é *analytico, periphrastico* ou *complexo*: *o sol é resplendente*.

411. O segundo elemento do predicado complexo ou de typo nominal se diz particularmente — predicado *nominal, pronominal, verbal* e *adverbial*, conforme for *nome, pronome, verbo* ou *adverbio* esse elemento, o qual modifica o sujeito através do *verbo*, que é o predicado *grammatical*. Exs.:

Predicado :	{	Nominal	{	Elle é juiz
		Pronominal	—	Elle é justiceiro
		Verbal	—	Quem é elle?
		Adverbial	—	Viver é trabalhar
			—	Elle está bem.

412. No predicado de typo nominal o verbo assume a feição de um connectivo, tornando-se *verbo de ligação*, e a *palavra* ligada ao sujeito é o elemento principal da predi-

cação complexa. Todo o verbo de ligação (ainda que se apresente eventualmente com tal character na phrase) é sempre de predicação incompleta, pois exige para completá-la essa palavra ligada ao sujeito, v. gr.: *elle é, está, fica, permanece, parece, torna-se* BOM; *o homem viveu* FELIZ e *morreu* POBRE, *as aves voam* GARBOSAS.

Nestes trez exemplos ultimos os adjectivos *feliz, pobre e rapidas* estão pelos adverbios — *felizmente, pobremente e velozmente*. Ha, comtudo, uma differenciação de sentido entre o emprego do adjectivo e do adverbio nessas phrases, como se pôde verificar; ha mais viveza no adjectivo, que modifica o agente, do que no adverbio que modifica a sua acção. Além disso, esses adjectivos, appostos aos sujeitos, sem a intermediação do verbo, dão outro sentido á phrase: — *o homem pobre morreu, as aves garbosas voam*. Sendo, pois, modificadores do sujeito através do predicado, são taes adjectivos *completivos subjectivos*, e como fazem parte integrante do predicado, são egualmente *completivos predicativos*. Dá-se o nome de *hypállage* (gr. *mudança*) a este emprego do adjectivo pelo adverbio.

Verbos ha que se apresentam frequentemente na phrase com um character connectivo, e outros esporadicamente. Entre aquelles sobresaem os verbos — *ser, estar, parecer, ficar, andar, tornar*, etc.

413. Todo o verbo de ligação tem, cada um, sua predicação propria, o que torna complexo o predicado total. O verbo **ser** porém, o mais simples, o que attribue ao sujeito a predicação de existencia, que é de todas a mais geral, vaga e subtil, é geralmente considerado como vasio de predicação, como mero connectivo ou *verbo abstracto*, na phrase nominal: *o céu é azul*. Guarda, porém, sua função primitiva de *verbo concreto* e de *predicação completa* na phrase verbal, como: *E' tarde, é cedo; fomos, não somos já* (G. Cam. 50).

414. O *predicado nominal* (completivo *subjectivo* e *predicativo*) é muitas vezes expresso por uma phrase, ou por um grupo logico de subordinação, equivalente a um adjectivo, p. ex.:

Noemi ficou SEM MARIDO (=desmaridada) — Era DE ADMIRAR (=admiravel) tudo isto — Seu coração estava DE LUCTO (=enluctado) — O heroe era DE ALTA LINHAGEM (=nobre) — Elle está DE CÂMÀ (=deitado) — Isto parece DE BOM PROVEITO.

415. A passiva de certos verbos, como — *chamar, appellar, nomear, eleger, considerar, etc.*, dá-nos um predicado nominal duplo, isto é, expresso por dois termos:

Elle foi CHAMADO SABIO — O heroe da Inconfidencia foi APPELLIDADO TIRA-DENTES — Elle foi ELEITO DEPUTADO, NOMEADO LEADER da camara, CONSIDERADO DIGNO de respeito.

O segundo termo, que está *apposto* ao primeiro, póde ser reduzido a um grupo logico de subordinação:

Elle foi chamado DE SABIO, appellidado de TIRA-DENTES, eleito COMO DEPUTADO, nomeado POR OU PARA LEADER, considerado POR DIGNO de respeito

Obs. Na enunciação destes grupos logicos de subordinação, convem evitar a confusão com o agente da passiva que é sempre regido da prep. POR OU DE: Se dissermos — *elle foi reconhecido por um homem de bem*, ha ambiguidade de sentido, pois o grupo de subordinação — *por um homem de bem*, póde ser o agente ou caso *efficiente* da passiva. Para lhe dar o sentido de *apposto* sem amphibologia releva dizer — *reconhecido como homem de bem*.

Na voz activa esse *apposto* do participio, torna-se *apposto do objecto* (completivo objectivo): *Chamei-o sabio* (ou *de sabio*); *nomeou-o general, elegeu-o deputado, considero-o homem de bem, etc.* Assim, pois, o completivo *subjectivo* da passiva torna-se o completivo *objectivo* da activa.

416. PREDICADO INDIRECTO. Nas phrases — *vi a aguia voar, achei-o cabido, ouvi um passaro cantando, fez o jugo agradavel, fez-se velho, encontrei-a doente*, o verbo no infinito, o participio e o adjectivo constituem um predicado indirecto no systema analytic de Mason, pois entre estes termos e o substantivo ou pronome poder-se-ia inserir o connectivo verbal *ser* ou *estar*: *vi a aguia estar a voar, acheio-o estar cabido, fez o jugo ser agradavel, etc.* Com outros verbos em construcção semelhante tal phenomeno não se dá, p. ex.: *chameio-o* e *chamei-lhe sabio, nomeio-o general, elegeram Pedro deputado*. Neste caso os adjectivos ou substantivos unidos aos *objectos*, não são *predicados indirectos*, mas *completivos objectivos*; pois não podemos prendê-los por um connectivo verbal.

417. CLASSIFICAÇÃO DO PREDICADO. Além da classificação do predicado em — *nominal, pronominal, verbal e adverbial, directo e indirecto*, pôde ser elle ainda — *grammatical, total* ou *logico, ampliado, complexo, incompleto, composto*.

a) *Grammatical* é o predicado expresso pelo verbo da oração: *O sol BRILHA, a luz SURGE no horizonte, a lealdade é uma nóbre virtude.*

b) *Total* ou *logico* é o predicado expresso pelo verbo conjunctamente com todos os seus complementos, se o houver. Excluido o sujeito, o resto da proposição é o predicado *total*, que pôde coincidir com o *grammatical*, como no primeiro dos exemplos acima.

c) *Ampliado* é o predicado desenvolvido por algum complemento, a que se costuma dar igualmente o nome de *complexo*: *a luz SURGE NO HORIZONTE, a lealdade é UMA NOBRE VIRTUDE.*

d) *Complexo*, propriamente, é o predicado expresso por uma phrase: *O sol é BRILHANTE* (predic. *grammatical* + predic. *nominal*), *elle está BEM* (predic. *grammatical* + predic. *adverbial*), *a divisa da Belgica é A UNIÃO FAZ A FORÇA.*

e) *Incompleto* é o predicado *grammatical* desacompanhado de complemento: *O sol brilha, surge a luz.*

f) *Composto* é o predicado *grammatical, nominal, pronominal, verbal e adverbial*, que com dois ou mais termos exprimem conceitos distinctos do sujeito: *O homem NASCE, VIVE e MORRE, a flor é BELLA e ODORIFERA, não sei QUEM e QUAL é elle, viver é LUCTAR e VENCER.*

CAPITULO VII

COMPLEMENTO

418. Dá-se o nome de *complemento* ao membro *accessorio* da proposição, que exerce a função de modificador de

outros termos. Este conceito geral de complemento nos é dado pelo proprio sentido da palavra, e é lançar desnecessaria confusão no espirito do alumno restringir-lhe o sentido. O complemento é um determinativo, que completa o sentido de outra palavra, ajunctando-lhe uma determinação.

Sob a designação generica de complementos, outras expressões existem com character ou tendencia especifica, taes são — *regimen, completivo, adjuncto*. Este ultimo termo nos veio por influencia do grammatico inglez C. P. Mason, cujo methodo analytico foi primeiro recommendado, cremos, por Julio Ribeiro em sua *Gr. Portugueza*.

Classificação dos Complementos

419. Grande divergencia e confusão lavram nas grammaticas quanto á classificação dos complementos. Confusão e divergencia advindas não sómente pela variedade das relações por elles indicadas, mas ainda pela variedade arbitraria e consequente baralhamento de sua nomenclatura.

A classificação simples e analogica de E. Bourciez, em sua excellente obra *Eléments de Linguistique Romane*, veio dar-nos a chave de uma systematização clara e discriminativa no estudo grammatical dos complementos.

Classificam-se elles, em primeiro lugar, em dois grupos — *essenciaes e accidentaes*.

Complemento essencial

420. COMPLEMENTO ESSENCIAL é o complemento exigido pela significação do termo completado.

São esses complementos de duas categorias — *objectivo e terminativo*.

I. COMPLEMENTO OBJECTIVO.

421. COMPLEMENTO OBJECTIVO, tambem chamado *objecto directo, complemento* ou *regimen directo*, é o que recebe directamente, isto é, sem intervenção de preposição, a acção expressa pelo verbo transitivo: *Pedro escreveu uma carta*. O objecto directo é o *paciente* ou *recipiente* da acção verbal de que o sujeito é o *agente*; estes dois termos se contrapõem,

occupando, na ordem regular, as extremidades do predicado. Em latim o objecto se reconhece pelo *accusativo*; em portuguez, em regra, pela sua posição á direita do predicado: *A mãe respeita a filha, a filha respeita a mãe.* A's vezes pelo *sentido obvio*: *Toma a cabra a silva, e a porca a pocilga* (Prov.) — *O mar cortava a armada* (C.)

422. O *objecto-directo* admite em certos casos a regencia da preposição *a*. Mais tarde estudaremos esta anomalia, que tanta vantagem trouxe á phrase vernacula (469, 783). Vejamos agora os casos desta regencia.

423. REGRAS PARA O EMPREGO DA PREPOSIÇÃO DEANTE DO OBJECTO. Como em hespanhol (Gramática de la Lengua Castellana por la Real Academia Española, p. 223), podemos estabelecer as seguintes regras para o emprego da propos. *a* antes do objecto directo.

1.º Geralmente se emprega a prepos. quando o objecto directo é nome de pessoa ou de seres vivos:

Eu amo a Deus (hesp. yo amo a Dios) — soccorrei aos necessitados (h. soccorred a los necessitados) — Cesar venceu a Pompeu (h. Cesar venció a Pompeyo) — já temos a Adão eleito (A. V., Obrs. S. 1. 178).

a) Esta regra torna-se rigorosa, quando a clareza o exige, para evitar a confusão de *objecto* com o *sujeito*:

Vio Alexandre a Apelles namorado (Lus. 10. 48. 1852): Lia Alexandre a Homero, de maneira que sempre se lhe sabe á cabeceira (Ib. 5. 96).

Segundo a *Academia Española* é preferivel dizer-se — convidé a Lucas = *convidei a Lucas, desconozco a Mariano* = *desconheço a Mariano*, do que — *convidé Lucas* = *convidei Lucas, desconozco Mariano* = *desconheço Mariano*. Com alguma reserva, podemos adoptar para o port. a opinião da Academia.

b) Casos ha em que a omissão da preposição é de regra não obstante tractar-se de seres vivos, e é quando ha na proposição um *dativo* ou complemento terminativo que reclama a mesma preposição p. ex.: *Recommende meu sobrinho ao senhor director*, e não: *Recommende ao meu sobrinho ao senhor director* (h. *recomiende usted a mi sobriño*

al *señor director*), pois neste caso haveria confusão entre o *dativo* e o *accusativo*, entre o *objecto directo* e o *objecto indirecto*, e ficaria duvidoso qual o recommendado. Do mesmo modo não se dirá: *Foi forçoso deixar ao inimigo em refens ao Conde*, porém: *Foi forçoso deixar ao inimigo em refens o Conde*, ou — *o inimigo ao Conde*. Por isso escreveu A. Vieira: *S. Matheus antepõe David a Abraão* (Obrs. S. 1. 103). — Independentemente, porém, do conflicto entre o *accusativo* e o *dativo*, entre o *objecto directo* e o *indirecto*, sempre que na preposição houver um termo que reclame a regencia da preposição **a**, é de bom aviso que o *accusativo* abra mão de qualquer direito que tenha a essa preposição, p. ex.: *pôr o menino ao sol*, e não — *pôr ao menino ao sol*; *conduzir o preso ao carcere*, e não — *conduzir ao preso ao carcere*.

c) E' ainda de regra a omissão da preposição, quando a significação verbal reclama, de ordinario, um *accusativo de cousa*, p. ex.: *procurar creado*, *buscar colonos*, *grangear amigos*, *angariar soldados*, *descobrir conspiradores*, *formar doutores*. — “A escola da guerra é a que forma os grandes capitães (h. la escuela de la guerra es la que forma los grandes capitanes)”.

2.ª Omitte-se, em regra, a prepos. **a**, quando o *objecto directo* é nome de *cousa*: *Colombo descobriu um novo mundo* (h. *Colón descubrió un nuevo mundo*); *Cervantes compoz a Galatéea* (h. *Cervantes compuso la Galatea*); *toma a cabra a silva*, e *a porca a pocilga*.

a) Deixa-se de observar esta regra, quando o exige a clareza, o que acontece quando o *objecto*, deslocado, só pôde ser denunciado pela preposição **a**, p. ex.:

Somente *ao tronco*, que devassa os ares, o raio offende (G. D.); *á patria* honrou o soldado; *ao dia* segue-se a noite; *á luz* a treva vence.

b) Uma outra excepção pôde dar-se, quando a significação de verbo reclama, de ordinario, *accusativo de pessoa*, p. ex.:

Saudar á aurora, reger ao verbo, suster ao corpo, vencer ao mundo. — “O nome rege ao verbo (h. el nombre rige al verbo) — “A noite segue ao dia” (h. la noche sigue al dia) — “As aves saudam á aurora” (h. las aves saludan á la aurora) — “Chamam ao ouro vil metal” (h. llaman al oro vil metal).

c) Os nomes proprios de logar são nomes de cousa, porém podem levar facultativamente a preposição, desde que não admitta o artigo; em hespanhol a regencia da preposição é de regra neste caso:

Ver a Roma, a Cadiz, a Pariz, a Londres, a Portugal — “O propheta Habacuc, quando Deus lhe mandou que fosse a Babylonia... se escusou dizendo que nunca vira a Babylonia” (A. V., S. 2. 238).

Obs. Meyer Lübke, expando, em sua excellente *Grammaire des Langues Romanes*, o emprego em hespanhol da prepos. **a** na regencia do objecto, nota a influencia no sentido de certas phrases: *Ese hombre ha perdido sus hijos, e ese hombre ha perdido (gaté) a sus hijos.* Em portuguez apenas se esboça a differenciação de sentido entre — *Este homem perdeu seus filhos e esse homem perdeu a seus filhos* (estragou-os). — Deante do exposto não se recommenda a preposição no exemplo seguinte: “Elle pôde suster a todo o corpo” (A. P.).

424. A preposição **de** assumiu no latim medieval o valor de adjectivo determinativo partitivo, e, com este valor, rege ao objecto, quando se quer indicar a parte de um todo ou generalidade: *beber da agua, comer do pão.* Este phenomeno, que se fixou em francez com seu *partitivo* — *du, de la, des,* era de larga frequencia no v. port., como mais adiante veremos (466)

425. CLASSIFICAÇÃO DO OBJECTO DIRECTO. O objecto subordina-se ao verbo transitivo pela posição, ou pelas preposições **a** e **de**, nos casos já indicados. Elle pôde ser *simples, complexo e composto.*

1.º *Simples*, quando representado por um substantivo ou pronome desacompanhado de qualquer modificação:

Pedra movediça não cria bolor — Não bebas cousa, que não vejas, nem assignes carta, que não leias — De gota em gota o mar se esgota — Ao bem buscá-lo; e ao mal, estorvá-lo.

2.º *Complexo*, quando é acompanhado de modificadores ou complementos:

Homem, que madruga, de algo tem cura — Fi-lo pedaços — Se queres ter boa fama, não te tome o sol na cama — Quando vires arder as barbas de teu visinho, deita as tuas em remolho.

3.º *Composto*, quando dois ou mais substantivos ou pronomes coordenados indicam mais de um paciente da acção verbal:

O ruim barbeiro não deixa couro nem cabelo (Prov.) — Deita-te a enfermar, saberás quem te quer bem, e quem te quer mal (Prov.).

Obs. Além destas noções de *simples*, *complexo* e *composto*, pôde-se ainda applicar ao objecto as noções de *grammatical* e de *total* ou *logico*, que geralmente se applicam ao *sujeito* e ao *predicado*. Na verdade, todas essas classificações, que se fazem do *sujeito* e do *predicado*, são applicaveis não só ao objecto-directo, mas a todos os complementos, como membros que são igualmente da proposição.

II. COMPLEMENTO TERMINATIVO.

426. *Complemento terminativo*, tambem chamado objecto ou regimen indirecto, é o termo de relação das palavras de significação relativa — *verbo*, *substantivo*, *adjectivo*, *adverbio* — cujo sentido exija um complemento, que indirectamente, isto é, por meio de preposição, lhe venha inteirar o valor significativo.

427. Os complementos terminativos podem agrupar-se em quatro classes: terminativo de *attribuição*, de *direcção*, de *origem*, de *relação*.

428. 1.º *Complemento de attribuição* é o que indica o termo de relação dos verbos transitivos-relativos, e de outras palavras de significação relativa, regidos da prep. *a* ou *para*, salvo se expressos pelos pron. obliquos — *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*; é o que mais commummente se chama *objecto indirecto*.

Dar o seu a seu dono, consagrar-se ao bem da humanidade, grande dedicação ao serviço da patria, inclinado ás letras, obedecer aos paes, escrever artigos para o publico, arrogar-se o direito, obedecer-vos, pertencer-lhe, dar-me parabens.

Nota. Em latim taes complementos iam para *dativo*: *Patria omnibus cara est* — *Cives legibus parent*, — *Sapientis est naturae convenienter vivere*.

429. 2.º *Complemento terminativo de direcção* é o que indica a direcção pedida pelo termo completado, regido em

portuguez pela preposição *a*, *para*, e, mais raramente, por *contra*, *em*:

* Ir á cidade, partir para a Europa, ida á cidade, partida para a Europa, traduzir em portuguez, ou a e para portuguez; viajar contra o sul. — Besteiro torto atira aos pés, e dá no rosto. — Em boca cerrada, não entra mosta — Mereceram entrar ás vodas (A. V., S. I. 19) — Vós viraes os olhos para os matos e para o sertão? (A. V., Ib. 44).

Nota. Em latim eram taes complementos expressos, em geral, pelo *accusativo* regido de *ad* (\Rightarrow *a*) e *in* (\Rightarrow *em*): *ire ad urbem*, *venire in castra*.

A prep. *in* (= *em*) tinha em latim duas applicações: com os verbos de *quietação* regia *ablativo*, e indicava lugar *onde*: *in terra ponere* = pôr em terra, *in herba accumbere* = recostar-se na grama; e com os verbos de *movimento* regia *accusativo*, e indicava lugar *para onde*: Ex.: *Asia in Aegyptum proficisci* = da Asia partir para (em) o Egypto.

O portuguez adoptou a primeira applicação e regeitou a segunda, para a qual adoptou *a* (= *ad*) e *para* (= *per*+*ad*). Porém, esta selecção da lingua foi paulatina, e dahi trez factos:

a) *Primeiro*, o velho portuguez contem muitas phrases em que se descobre o latinismo da preposição *em* com verbos de movimento, hoje inadmissivel, como mostraremos mais abaixo.

b) *Segundo*, no dialecto popular descobrem-se a cada passo os vestigios desse latinismo: *vou na cidade*, *cheguei na janella*.

c) *Terceiro*, ha ainda oscillação na lingua entre *a* e *em* com palavras, geralmente verbos, que, indicando movimento, suggere immediatamente a idéa de um lugar *onde*, como:

Lançar-se no mar ou ao mar, precipitar-se no abysmo ou ao abysmo, entrar no theatro ou ao theatro, traduzir em portuguez ou a portuguez, passar de mão em mão ou de mão á mão, ir de casa em casa ou de casa a casa. — Anda a cabra de roça em roça, como o bocejo de boca em boca (Prov.).

430. 3.º *Terminativo de origem* é o que indica o *ponto de partida*, reclamado pelo termo completado, regido da prep. *de*:

Vir da cidade, partir do Rio, oriundo de familia illustre, nascido de paes honrados, extrahido da terra, salvo das aguas, receber de Santos noticia. — Quem cabritos vende e cabras não tem, donde lhe vem? (Prov.).

Nota. Em latim eram taes complementos expressos por *ablativo*, regidos quasi sempre de *ab*, ex.:

Accepi a patre epistolam = recebi de meu pae uma carta, *expatria cedere* = retirar-se da patria, *loco movere* = apartar-se do lugar, ex: *Asia in Aegyptum* = da Asia para o Egypto, *serva natus* = de serva nascido.

431. 4.º *Terminativo de relação* indica as relações não comprehendidas nas dos trez paragraphos antecedentes, e reclamadas pela significação *relativa* do *verbo*, *substantivo*,